O crescimento da influência chinesa na indústria farmacêutica: uma análise partindo da pandemia da Covid-19

DOI: 10.54446/bcg.v15i2.4037

Carolina Corrêa Fernandes[1]

Resumo

A pandemia da Covid-19 expôs as desigualdades espaciais no acesso aos produtos industriais da saúde. A corrida pelas vacinas é um exemplo claro desse fato, com os países ricos reservando grandes montantes de doses antes mesmo de suas aprovações, o que ficou conhecido como nacionalismo das vacinas. A indústria farmacêutica chinesa, contudo, seguiu o caminho inverso, produzindo e distribuindo amplamente seus imunizantes, principalmente para os países em desenvolvimento, ampliando também sua influência geopolítica nessas regiões. Este artigo, portanto, busca evidenciar o crescimento da indústria farmacêutica chinesa, partindo da diplomacia das vacinas empenhada durante a pandemia do SARS-CoV-2, mas não só restrito a ela. Analisamos também a evolução das exportações chinesas do ramo durante o século XXI, o crescimento da influência de empresas do país que assumem destaque global e políticas externas na área, como a Rota da Seda da Saúde. Por fim, também investigamos as relações no ramo farmacêutico entre a China e o Brasil, destacando a importância da CoronaVac, vacina de origem chinesa, para a campanha vacinal brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: circuitos espaciais produtivos; círculos de cooperação no espaço; diplomacia da saúde global; nacionalismo das vacinas; Rota da Seda da Saúde.

1 Mestranda em Geografia Humana na Universidade de São Paulo. E-mail: carolinecfernandess@gmail.com. OrciD: https://orcid.org/0000-0003-0762-3537.

Introdução

A pandemia da Covid-19 evidenciou as desigualdades espaciais na produção e no acesso de produtos ligados à saúde. Nesse contexto, a China se projetou como potência na área ao fabricar e fornecer em grande volume produtos fundamentais para o combate à pandemia. Este artigo tem como objetivo investigar esse tema, ao analisar o aumento da influência chinesa na área farmacêutica com a grande produção e distribuição de imunizantes contra o SARS-CoV-2. Como será examinado neste artigo, constatamos, contudo, que essa maior presença da China no ramo farmacêutico não é restrita ao período pandêmico, mas verificada a partir do aumento da produção e exportação na área desde o início do século XXI.

A produção industrial da saúde, de forma geral, é condicionada às capacidades produtivas prévias de cada nação, sendo influenciada pela presença e grau de consolidação dos Complexos Industriais da Saúde (CIS). Esse conceito foi criado por Carlos Gadelha (2003; 2006) visando articular as diferentes etapas, ramos produtivos e serviços ligados à saúde e que seguem uma lógica industrial. Nesse sentido, Gadelha define o CIS como um "conjunto interligado de produção de bens e serviços em saúde que se movem no contexto da dinâmica capitalista" (Gadelha, 2003, p. 523). Um complexo industrial da saúde consolidado, além de contar com uma diversidade na produção industrial na área da saúde, possui uma relação intrínseca com centros de pesquisa, que são os responsáveis pelas inovações fabris; e com espaços de serviço, como hospitais e clínicas de vacinação, que vão consumir os produtos industriais.

Na Geografia, Ricardo Mendes Antas Jr. analisa as características e distribuição desses complexos pelo mundo. O autor ressalta que o CIS é formado por circuitos espaciais produtivos e círculos de cooperação no espaço (Antas Jr., 2015). Os primeiros são definidos pela conexão dos diferentes estágios da produção, desde a fabricação, passando pela circulação, ao consumo, por meio de fluxos que articulam diferentes lugares. Santos (1988) caracteriza esses circuitos, indicando que, no período atual, eles são globais:

> O mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Não podemos mais falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos que falar de circuitos espaciais da produção. Estes seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final (Santos, 1988, p. 17-18)

Ricardo Castillo e Samuel Frederico (2010) reforçam que os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação no espaço são fundamentais para compreender as dinâmicas territoriais típicas do período atual de globalização, já "que as esferas da produção e da troca tornam-se geograficamente mais dispersas, fazendo da circulação uma prioridade e um campo de atuação estratégica de Estados e empresas" (Castillo; Frederico, 2010, p. 462).

Dado esse distanciamento das atividades produtivas, Castillo e Frederico destacam que os circuitos espaciais produtivos são compostos por vários círculos de cooperação no espaço. Esses são formados por diversos agentes, como Estados, empresas privadas e ONGs, os quais são responsáveis por influenciar, organizar e comandar esses circuitos. Nesse sentido, os autores resumem esses dois conceitos:

> Podemos dizer que os *circuitos espaciais de produção* pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente; os *círculos de cooperação no espaço*, por sua vez, tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informação (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, espacialmente segmentadas, da produção (Castillo; Frederico, 2010, p. 464-465)

Dessa forma, os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação no espaço são conceitos fundamentais que nos permitem compreender a organização e a dinâmica do espaço geográfico contemporâneo, marcado pela globalização. Tais circuitos e círculos, portanto, assumem uma dimensão essencialmente global, articulando territórios e agentes em escala mundial. Por outro lado, como destaca Antas Jr. (2024), o CIS tem escala nacional e se materializa de forma desigual nos diferentes países, dependendo das capacidades produtivas, tecnológicas e institucionais de cada nação. Assim, embora os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação operem globalmente, nem todos os países conseguem constituir plenamente um complexo industrial da saúde, o que evidencia assimetrias no acesso, na produção e no controle dos bens e serviços de saúde.

Em um momento de crise, como a pandemia da Covid-19, essas desigualdades são preocupantes, uma vez que todos os países passam a disputar internacionalmente os produtos da saúde, reforçando a importância de uma produção nacional. Nesse cenário de concorrência global, os países mais desenvolvidos são favorecidos à medida que dispõem de mais recursos financeiros capazes de garantir vantagens nessa disputa capitalista, que é sustentada sobretudo pelas grandes empresas que, através dos progressos tecnológicos, "afirmam seu poderio sobre as outras firmas e sobre os países menos desenvolvidos" (Santos, 2004, p. 119). Esse fato foi chamado por Milton Santos de duplo monopólio da pesquisa:

> Pode-se, portanto, falar de um duplo monopólio da pesquisa (...): o dos países desenvolvidos frente aos países subdesenvolvidos e dos monopólios e das empresas multinacionais frente às outras firmas e às nações mais pobres, qualquer que seja seu grau de industrialização. (Santos, 2004, p. 119)

No caso das vacinas contra a Covid-19, concomitantemente à corrida das grandes farmacêuticas para a produção desses imunizantes, observou-se uma disputa dos países para adquiri-los, muitas vezes antes mesmo deles serem aprovados. Os países em desenvolvimento e com menor capacidade financeira, contudo, foram prejudicados por esse movimento empreitado pelos países mais ricos, que garantiram o acesso prioritário às vacinas em detrimento ao acesso global.

Nesse contexto, a China despontou como uma grande produtora de imunizantes, que foram amplamente comercializados, ocupando o espaço deixado pelos países desenvolvidos. Diferentes farmacêuticas chinesas conseguiram produzir vacinas comprovadamente eficazes que, além de serem usadas domesticamente, foram vendidas de forma prodigiosa, em um movimento oposto ao praticado pelas nações ricas.

Este artigo, portanto, tem como objetivo investigar o crescimento econômico e o aumento da influência chinesa na área farmacêutica, evidenciada pela pandemia da Covid-19, mas não restrita a ela. Isso passa por debater a desigualdade global no acesso às vacinas contra a Covid-19, principalmente entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, a partir da prática recorrente de aquisição de grande número de doses por nações isoladas, o que ficou conhecido como nacionalismo das vacinas (Rutschman, 2021; Zhou, 2022).

Em seguida, verificamos o movimento contrário chinês ao produzir e comercializar imunizantes contra o SARS-CoV-2, principalmente com os países que tinham pouco acesso. Essa diplomacia das vacinas projetou o país como uma importante potência em ascensão, resultando em aumento da influência chinesa na área da saúde e, especificamente, farmacêutica.

Entretanto, o crescimento da China nesse ramo, apesar de notório durante a pandemia da Covid-19, se deu ao longo das últimas décadas. Para examinar esse panorama, apresentamos dados que comprovam essa expansão, bem como uma análise da política externa chinesa voltada para o fortalecimento de sua atuação nesse campo, como a Rota da Seda da Saúde.

Por fim, discutimos as relações Brasil e China tendo em vista a indústria farmacêutica. Durante a pandemia da Covid-19, a aquisição da CoronaVac, produzida pela empresa chinesa Sinovac, em acordos com o Instituto Butantan representa um exemplo importante da projeção chinesa no cenário internacional de produtos e insumos farmacêuticos.

No cenário mundial, nacionalismo das vacinas

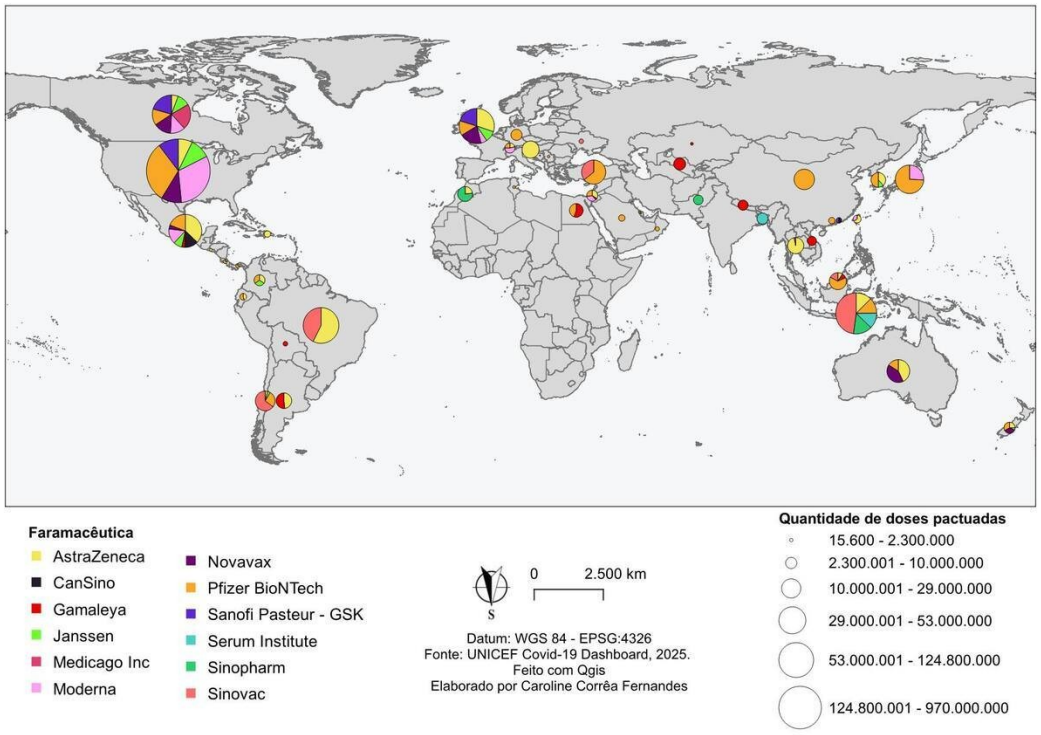
Visando investigar as desigualdades no acesso aos imunizantes contra a Covid-19 entre os países, coletamos os dados sobre os acordos públicos bilaterais de aquisição das vacinas. Para isso, utilizamos o painel UNICEF *Covid-19 Dashboard*, que reúne informações oficiais sobre negociações, aquisições e distribuição das vacinas contra o SARS-CoV-2 (UNICEF, 2025).

Decidimos prospectar os dados referentes aos acordos de compra de imunizantes realizados exclusivamente em 2020, com o objetivo de analisar estritamente quais países tinham capacidade financeira para adquirir vacinas antes mesmo de sua aprovação ou nos estágios iniciais de distribuição global. Essa delimitação temporal se justifica pelo fato da primeira aplicação de uma vacina contra a Covid-19 ter sido realizada oficialmente em dezembro de 2020, no Reino Unido (Agência Senado, 2021).

Além disso, identificamos apenas os acordos bilaterais, ou seja, entre uma farmacêutica e uma nação, já que acordos multilaterais não indicariam de forma evidente as capacidades financeiras individuais de cada país. Por exemplo, a partir da análise dos dados coletados verificamos que a União Europeia havia adquirido ainda em 2020 um total de 1,5 bilhão de vacinas. Esse grande contingente, contudo, tem como destino um bloco econômico heterogêneo e com países com diferentes capacidades financeiras e produtivas na saúde.

Por fim, destacamos que os dados analisados são sobre acordos de aquisição das vacinas, o que não significou necessariamente uma entrega efetiva delas, já que há a influência de outros fatores, como a conclusão de testes e a aprovação pela agência técnica dos países. Todos os dados foram tratados e organizados em tabelas e gráficos. O Mapa 1 apresenta de forma sintética as principais informações obtidas, identificando os países que realizaram acordos de aquisição de imunizantes contra a Covid-19, ainda em 2020, e apresentando o número de doses e a farmacêutica responsável.

Mapa 1. Países que realizaram acordos para aquisição de vacinas contra a Covid-19 em 2020, por número de doses e farmacêutica



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados coletados e organizados disponíveis no UNICEF Covid-19 Dashboard (UNICEF, 2025).

A análise do Mapa 1 permite constatar que apenas alguns países adquiriram vacinas em 2020, quando o risco financeiro era elevado, dado que os imunizantes estavam em fase de desenvolvimento e a compra antecipada não representava uma garantia efetiva de que essas vacinas seriam distribuídas aos países. No continente africano, por exemplo, Egito e Marrocos foram os únicos a realizar acordos de compra de imunizantes. Por outro lado, os países mais desenvolvidos adquiriram um grande número de doses, além de negociarem com farmacêuticas diferentes, como também observamos no Mapa 1, visando obter opções caso uma das vacinas não tivesse resultados positivos.

O Canadá, por exemplo, comprou 350 milhões de doses de sete farmacêuticas diferentes, lembrando que esse número se refere apenas ao ano de 2020. Esse montante permitiria a aplicação de aproximadamente nove doses em cada habitante canadense. A Austrália, por sua vez, adquiriu 124,8 milhões de doses, contando com uma população de aproximadamente 25,6 milhões de pessoas. Portanto, seria possível aplicar quase cinco doses em toda a população (UNICEF, 2025; World Bank, 2025).

Esse movimento de aquisição de grande contingente de doses de imunizantes, muitas vezes antes mesmo da sua aprovação técnica, é chamado de *nacionalismo das vacinas*, sendo praticado principalmente por países mais desenvolvidos e com maior capacidade financeira. Esse conceito ganhou força durante a pandemia da Covid-19, com autores analisando o tema a partir de diferentes aspectos. Por exemplo, Ana Santos Rutschman (2021) investiga a corrida vacinal do ponto de vista da Pesquisa e

Desenvolvimento (P&D), identificando que o nacionalismo das vacinas tem início ainda nessa fase do circuito espacial produtivo das vacinas, quando acordos de compromissos antecipados são efetivados:

> O(s) fabricante(s) da(s) primeira(s) vacina(s) contra a COVID-19 que eventualmente chegarem ao mercado terão a capacidade de produzir grandes quantidades de imunizantes, mas não tanto quanto é necessário para todas as populações em todo o mundo. O uso crescente de acordos de compromisso antecipado significa que, na prática, um número reduzido de países — aqueles com maior poder econômico — são capazes de reservar a maior parte do fornecimento inicial de vacinas para si próprios. (Rutschman, 2021, p. 184, tradução nossa)

Yanqiu Rachel Zhou (2022) também analisa o papel desse tipo de acordo na reprodução do nacionalismo das vacinas. Nesse sentido, Zhou ressalta que esse movimento político de foco nacional em um contexto de pandemia, que pela sua própria definição é global, não surge com o SARS-CoV-2. A autora cita o exemplo da pandemia de H1N1, quando os países ricos também adquiriram imunizantes antecipadamente, ainda na fase de produção. Segundo Zhou, essas nações se comprometeram em doar um percentual dessas vacinas para os países que não tinham acordos de compra efetivados, mas isso só foi feito quando os momentos críticos de disseminação e contágio já haviam passado. David Fidler (2020), ao também discutir o conceito de nacionalismo das vacinas no caso da Covid-19, relembra outros exemplos em que países ricos garantiram produtos da indústria da saúde em detrimento do acesso global:

> O acesso internacional ocorre normalmente apenas depois dos países desenvolvidos assegurarem produtos farmacêuticos para uso doméstico, como ocorreu com as vacinas contra a varíola e a poliomielite e com os remédios para HIV/AIDS. (FIDLER, 2020, p. 749, tradução nossa)

Muhammad Zaheer Abbas (2020) discute as implicações do nacionalismo das vacinas, destacando que esse fenômeno pode também ser negativo para os países que adotam essa prática:

> Os governos que optarem por abordagens nacionalistas isoladas para a distribuição de vacinas ficarão vulneráveis a aumentos de preços e suprimentos inadequados se dependerem de um número limitado de fabricantes nacionais com direitos exclusivos de propriedade intelectual para produzir a vacina. (Abbas, 2020 p. 15, tradução nossa)

Por outro lado, Bollyky e Bown destacam que os maiores prejudicados são os países de economias menos desenvolvidas, que deverão esperar as farmacêuticas cumprirem os acordos com os países mais ricos para depois poderem fornecer para o

restante do mundo. Os autores ainda ressaltam que essa espera resulta em populações de risco desprotegidas, "o que prolongará a pandemia, aumentará o número de mortes e colocará em risco os sistemas de saúde e as economias já frágeis" (Bollyky, Bown, 2020, p. 97).

A pandemia da Covid-19, portanto, evidenciou as desigualdades espaciais no acesso às vacinas. Ela foi marcada pelo nacionalismo das vacinas, que não objetivava a cooperação global, principalmente partindo dos países mais desenvolvidos. Esse fenômeno, além de aumentar a concorrência internacional pelos imunizantes, deixou grande parte da população de risco desprotegida. Nesse cenário, a China e as políticas externas empreendidas pelo país aparecem como um contraponto, com o presidente Xi Jinping declarando a vacina contra a Covid-19 como um "bem público global" (Zhou, 2022) e perpetuando uma verdadeira diplomacia das vacinas.

A China e sua diplomacia das vacinas

Enquanto a maioria dos países desenvolvidos praticavam o nacionalismo das vacinas, a China ficou conhecida pela assim chamada *diplomacia das vacinas*. Esse conceito refere-se às negociações e aos acordos que envolvem a produção e a distribuição específica de imunizantes. Ele é uma subdivisão da *diplomacia da saúde global* (DSG), que, por sua vez, é definida pelo conjunto de negociações e acordos internacionais em torno de questões de saúde. Kickbusch, Silberschmidt e Buss (2007, p. 230) destacam que, no período atual, essas negociações não são mais realizadas apenas por diplomatas, contando com ONGs, setor privado, cientistas, ativistas, entre outros.

Nesse cenário, a convergência entre a DSG e os conceitos de circuito espacial produtivo e círculos de cooperação no espaço torna-se evidente. A partir da contribuição da geógrafa Maît Bertollo acerca das dinâmicas de cooperação no espaço, é possível reforçar essa aproximação:

> as várias formas de cooperação entre indústrias e instituições de pesquisa, indústrias e universidades, indústrias e ONGs, indústrias e Estados, Estados e organizações globais multilaterais, indústrias e organizações globais multilaterais e também as não hierárquicas "sul-sul" mostram a importância dos fluxos materiais e imateriais nessa dinâmica, cada um com uma especificidade e um objetivo, mas todos cumprindo um papel importante no circuito espacial produtivo. (Bertollo, 2013, p. 133)

Dessa forma, observa-se uma aproximação analítica entre a DSG e os círculos de cooperação no espaço. Enquanto estes articulam as diferentes etapas da produção por meio de fluxos imateriais, aquela atua justamente na intermediação e na coordenação dessas interações. Nesse sentido, a DSG além de se basear nesses círculos de cooperação, também os mobiliza estrategicamente, através da articulação de Estados, instituições científicas, organismos multilaterais e do setor privado, buscando mediar interesses distintos e viabilizar acordos na área da saúde.

Durante a pandemia da Covid-19, a DSG e a diplomacia das vacinas ganharam destaque ao negociar um dos bens mais estratégicos para os países no período, as vacinas contra o SARS-CoV-2. Contudo, existem exemplos bem anteriores dessa prática, como destaca Peter Hotez (2010):

> Quando os Estados Unidos e a União Soviética entraram em um acirrado período da Guerra Fria após o lançamento do Sputnik em 1957, eles também firmaram uma colaboração científica pouco conhecida que levou a um dos avanços médicos mais importantes do século XX. Com ambos os países sofrendo terríveis epidemias de poliomielite infantil, cientistas soviéticos e americanos, liderados por Albert Sabin, trabalharam juntos para desenvolver uma vacina oral contra a poliomielite que foi distribuída mundialmente e, por fim, eliminou a doença na maior parte do mundo até 2008. (Hotez, 2010, p. 1301, tradução nossa)

Apesar da diplomacia das vacinas muitas vezes contribuir para a integração de países, fomentando inclusive a paz, Liu, Huang e Jim (2022) destacam que essa diplomacia, por definição, é neutra no sentido que seu escopo é apenas promover o "desenvolvimento, produção e comercialização de imunizantes" (Liu; Huang; Jin, 2022, p 2). Todavia, eles também lembram que essa diplomacia "poderia ser usada como um meio para atingir objetivos diplomáticos e políticos" (Liu; Huang; Jin, 2022, p 2). Nessa circunstância, a diplomacia das vacinas tem o potencial de até mesmo produzir e reproduzir as assimetrias observadas na influência e poder desempenhados por diferentes agentes dos círculos de cooperação no espaço, sejam empresas ou até mesmo países, com uma nação específica, por exemplo, fornecendo doses visando aumentar seu poderio geopolítico.

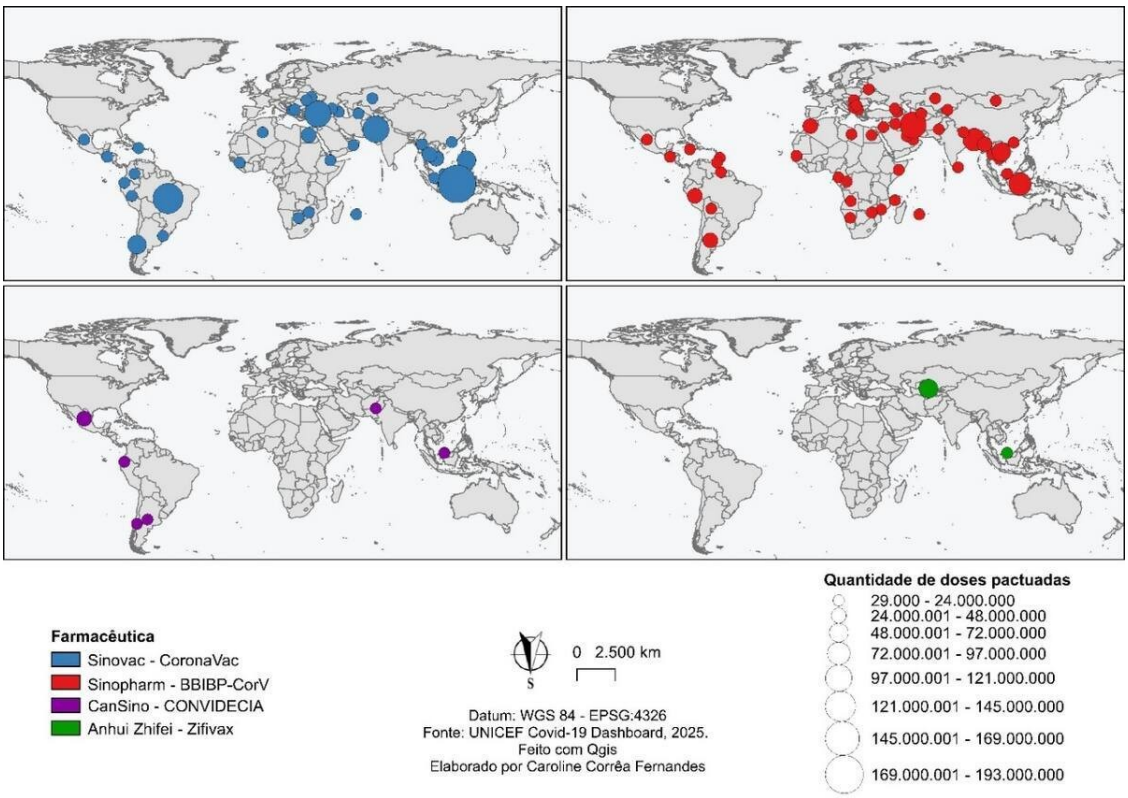
No caso da pandemia da Covid-19, a China foi acusada de utilizar suas vacinas para ampliar sua influência global em detrimento dos Estados Unidos. Segundo Seow Ting Lee (2023), a diplomacia das vacinas do gigante asiático tem início em julho de 2020, quando "o primeiro teste de vacina chinesa fora da China começou no Brasil" (Lee, 2023, p. 64). No decorrer da pandemia, como destaca o autor, a China fez diversos acordos, principalmente com países menos desenvolvidos.

Com o objetivo de compreender o real alcance global das vacinas contra a Covid-19 produzidas por farmacêuticas chinesas, utilizamos novamente o portal *UNICEF Covid-19 Dashboard* para reunir dados sobre esses acordos. As informações coletadas tinham como corte temporal os anos de 2020 e 2021, quando a campanha vacinal mundial era mais intensa.

Nesse sentido, prospectamos os acordos bilaterais entre os países e farmacêuticas exclusivamente de origem chinesa. Cabe destacar outra vez que os dados se referem apenas a aquisição de vacinas, não representado sua distribuição efetiva, já que esse fator depende de outras variáveis, como a aprovação dos imunizantes. Os dados foram tratados e organizados em tabelas, permitindo-nos apontar quatro farmacêuticas chinesas que realizaram acordos de venda de seus

imunizantes: Sinovac, Sinopharm, CanSino e Anhui Zhifei. Novamente decidimos sintetizar as informações através da cartografia, visto que acreditamos que permite uma melhor leitura dos dados.

Mapa 2. Países que adquiriram doses de vacinas contra a Covid-19 de fabricantes chinesas (2020-2021)



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados coletados e organizados disponíveis no *UNICEF Covid-19 Dashboard* (UNICEF, 2025).

Segundo os dados coletados em nossa pesquisa e apresentados no Mapa 2, a CoronaVac foi a principal vacina de origem chinesa, com quase 900 milhões de doses comercializadas para 36 países. Em seguida, temos a vacina da Sinopharm, que apesar de contar com menos doses adquiridas (foram cerca de 600 milhões), foi negociada com mais países, um total de 49 nações. Nesse sentido, a CoronaVac e a Sinovac foram as duas principais vacinas chinesas, mas também podemos destacar as vacinas da CanSino e da Anhui Zhifei, com aproximadamente 75 e 58 milhões de doses acordadas, respectivamente.

Como ainda podemos observar nos Mapa 2 essas vacinas foram adquiridas principalmente por países da América Latina, da África, da Ásia e do Leste Europeu, nações que foram prejudicadas pelo nacionalismo das vacinas e que não conseguiram garantir suas doses antecipadamente. Dessa forma, a diplomacia da vacina executada pela China para além de contribuir na distribuição de imunizantes, consolidou esse país como um importante ator dentro da diplomacia da saúde global.

A China, ao preencher o vácuo deixado pelos países desenvolvidos, estreitou os laços com as nações que historicamente são influenciadas pelos Estados Unidos.

Isso representa, contudo, apenas uma reprodução da busca por uma hegemonia global em detrimento dos espaços marginalizados. O fato dessa disputa de poder ser realizada através de produtos da saúde deixa tudo mais tenebroso. Todavia, é importante sempre lembrar que a área da saúde, apesar de sua relevância social e assistencialista, é um local significativo de acumulação de capital, dado que necessita de constante inovação e possui um mercado consumidor potencialmente global.

O crescimento da indústria farmacêutica chinesa

A pandemia da Covid-19 contribuiu significantemente para a ascensão da indústria farmacêutica chinesa. O desenvolvimento dessa indústria, contudo, foi sendo construído aos poucos nas últimas décadas. O levantamento de dados que realizamos junto ao *UN Comtrade* – portal de dados das Nações Unidas para o comércio mundial –, nos permitiu compreender melhor a ascensão da indústria chinesa no ramo farmacêutico[2]. Analisamos os valores FOB[3] de exportações chinesas de produtos selecionados por serem estritamente ligados à indústria farmacêutica, permitindo, portanto, uma visão ampla sobre a tendência desse ramo na China. Os códigos SH4[4] desses produtos farmacêuticos são detalhados no Quadro 1. Cabe destacar que outros códigos podem estar relacionados com essa indústria, mas para a nossa análise, acreditamos que os produtos selecionados nos fornecem um panorama suficiente.

Quadro 1: Códigos SH4 ligados à indústria farmacêutica e suas descrições

Códigos	Descrição
2941	Antibióticos
3002	Sangue humano; sangue de animais preparado para usos terapêuticos, profiláticos ou diagnósticos; soros e outras frações do sangue e produtos imunológicos, modificados ou não; vacinas, toxinas, culturas de microrganismos (exceto leveduras) e produtos similares
3003	Medicamentos (excluindo produtos das posições 3002, 3005 ou 3006), consistindo em produtos misturados ou não misturados, para usos terapêuticos ou profiláticos, não apresentados em doses medidas ou formas para venda a varejo
3004	Medicamentos (excluindo produtos das posições 3002, 3005 ou 3006) compostos de produtos misturados ou não misturados, para usos terapêuticos ou profiláticos, apresentados em doses medidas ou formas para venda a varejo
3006	Produtos farmacêuticos

Fonte: *COMTRADE*, 2025. Elaborado pela autora.

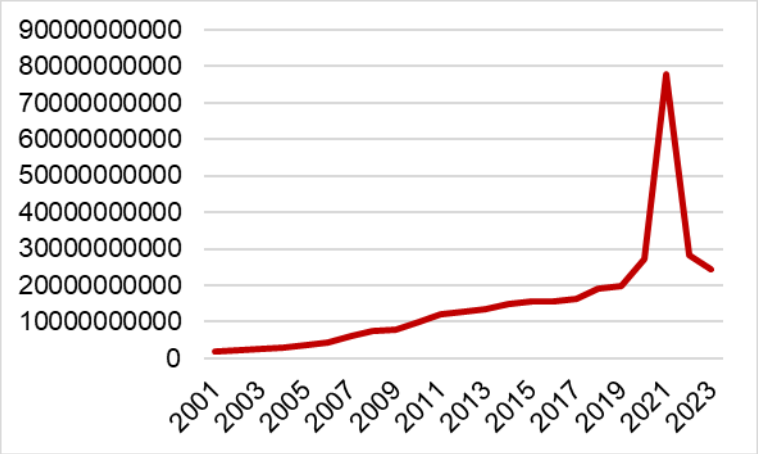
2 Antas Jr. (2024) fez uma análise dos fluxos industriais da saúde também utilizando o portal *COMTRADE*. O autor, contudo, investiga a escala global, além de utilizar uma gama maior de códigos, visando identificar os principais países exportadores e importadores da saúde e os fluxos de diferentes ramos, considerando para além da indústria farmacêutica.

3 O valor FOB (do inglês *free on board*) de uma mercadoria corresponde ao valor até o momento em que ela é enviada do país de origem, ou seja, não inclui custos de transporte, taxas alfandegárias ou outros custos adicionais.

4 SH4 refere-se aos códigos de quatro dígitos do Sistema Harmonizado, que identificam as mercadorias, sendo muito utilizados no comércio internacional.

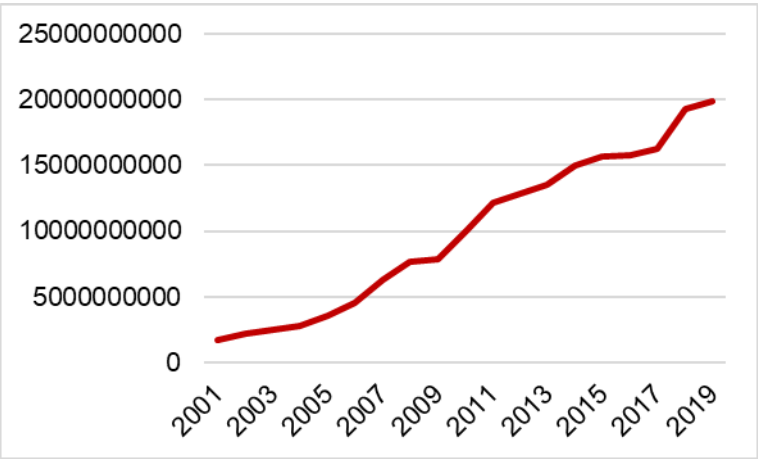
A partir dos dados obtidos, observamos um crescimento constante nos valores de exportações chinesas desses produtos farmacêuticos de 2001 até 2021, com um grande salto entre 2020 e 2021, que pode ser explicado pela pandemia da Covid-19. Em 2022 e 2023, os valores caem, mas ainda são maiores do que os registrados em 2019, antes da pandemia, o que indica, de maneira geral, que esse setor manteve o crescimento, como podemos observar nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 1: Exportações chinesas de produtos farmacêuticos entre 2001 e 2023



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados coletados no COMTRADE (2025).

Gráfico 2: Detalhamento das exportações chinesas de produtos farmacêuticos entre 2001 e 2019 (pré-pandemia)



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados coletados no COMTRADE (2025).

A ascensão do ramo farmacêutico chinês é ainda evidenciada pela inserção global de algumas firmas da área no cenário mundial. A revista *Fortune*, por exemplo, divulga anualmente a lista Global 500, que reúne as 500 maiores empresas mundiais a partir de suas rendas. Realizamos uma análise específica sobre a presença de firmas farmacêuticas na lista entre os anos de 1995 (primeiro ano de publicação) e 2023. Constatamos que a primeira vez que uma empresa de origem chinesa apareceu na lista foi em 2013, quando a *China National Pharmaceutical Group Corporation* ocupou a

posição 446° do ranking geral e o 10° lugar entre as farmacêuticas. A partir desse ano, a lista sempre contou com pelo menos uma empresa chinesa do ramo analisado, sendo que quatro diferentes farmacêuticas chinesas apareceram na lista, totalizando 19 vezes. De 2017 até 2022, a *China Resources* ocupou o primeiro lugar entre as farmacêuticas e atingiu, em 2021, a 69° posição entre as maiores empresas do mundo. Nesse mesmo ano, a lista contava com três farmacêuticas chinesas, maior valor no período analisado, são elas: *China Resources*, *Sinopharm* e *Guangzhou Pharmaceutical Holdings*.

Os dados apresentados corroboram que a indústria farmacêutica chinesa foi se desenvolvendo ao logo das últimas décadas, com um crescimento constante ao longo dos anos, mas que foi acentuado durante a pandemia da Covid-19. Em paralelo a esses dados concretos, o governo chinês desenvolveu uma política externa com um importante foco na área da saúde.

Essa política está diretamente relacionada ao grande projeto de inserção internacional chinês conhecido como a *Nova Rota da Seda*, que visava uma maior integração entre o país, a Ásia, a África e a Europa, através de investimentos em diversas áreas. A partir da constatação da saúde como um tema prioritário, o governo chinês aumentou sua influência, tanto financeira quanto política, dentro da Organização Mundial da Saúde e criou a Rota da Seda da Saúde, em 2017 (Bondaz, 2020; Santiago, 2021). Bondaz (2020) detalha o anúncio do governo chinês sobre os objetivos da Rota da Saúde:

> O Comunicado de Pequim sobre a Rota da Seda da Saúde ressalta os princípios fundamentais da cooperação bilateral e multilateral. Ele especifica certas iniciativas, como a criação de uma rede de pesquisa sobre políticas de saúde do Cinturão e Rota e a promoção da medicina tradicional chinesa (...). Anuncia a formação de uma Aliança para o Desenvolvimento Sustentável da Indústria da Saúde ao longo do Cinturão e Rota, responsável por apoiar o comércio de serviços relacionados à saúde, como o turismo médico; e também por promover o reconhecimento de padrões mútuos de acesso a medicamentos e dispositivos médicos. É evidente que a China não pretende apenas cooperar a nível da saúde: também quer aumentar as participações de mercado das suas indústrias da saúde e fazer com que os países em desenvolvimento adotem as suas normas e padrões. (Bondaz, 2020, p. 6, tradução nossa)

Santiago e Duarte (2025) destacam que a Rota da Seda da Saúde surge após diversos fracassos da China na sua atuação em crises da área da saúde, que prejudicaram sua imagem nas esferas doméstica e externa, como a epidemia de SARS em 2003 e a gripe aviária em 2013. Nesse sentido, a grande projeção das ações tomadas durante a pandemia da Covid-19 permitiria alavancar a China como um importante agente da diplomacia da saúde global, melhorando sua imagem e demonstrando que o país se apoia em resultados científicos:

> Assim, a Rota da Seda da Saúde não apenas retrata a China como um ator mais maduro e benevolente, cujas significativas doações internacionais aumentam seus esforços internos, mas também busca mudar a percepção da comunidade internacional sobre um país historicamente conhecido por ocultar crises. Consequentemente, os esforços da China para alinhar sua concepção de papel que deve assumir com as expectativas internacionais resultaram em um desempenho notável no enfrentamento da pandemia. (Santiago; Duarte, 2025, p. 4, tradução nossa)

Percebemos, portanto, que há um crescimento evidente da importância da área da saúde na China, tanto do ponto de vista de sua política interna, com o crescimento de empresas no ramo, quanto na política externa, com busca de mercados visando consolidar a imagem de um país que sabe liderar crises, como pandemias.

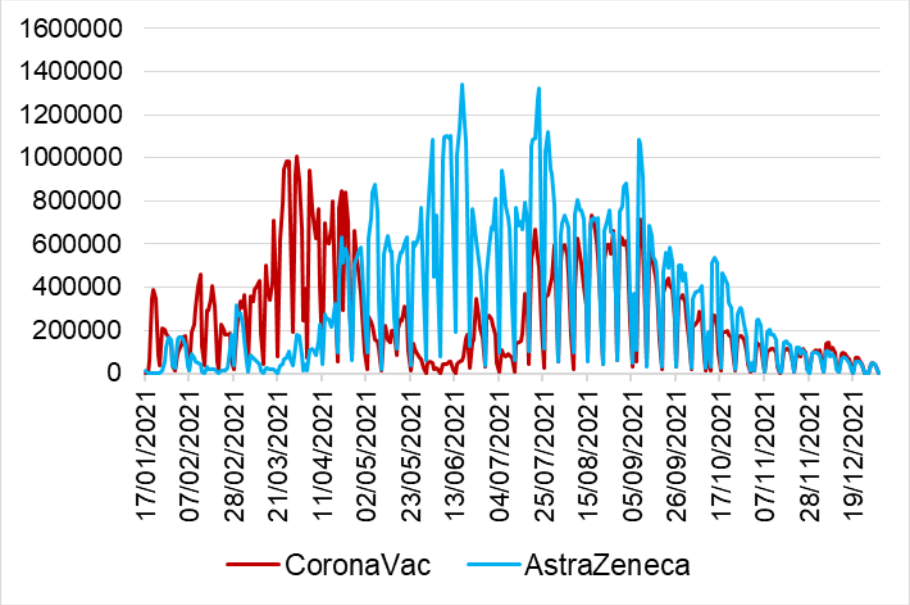
Relações entre Brasil e China na área farmacêutica

As relações entre Brasil e China ilustram o cenário apresentado nos tópicos anteriores, uma vez que, além de representar um importante parceiro comercial para o Brasil de maneira geral, a China tem assumido destaque na área farmacêutica. Durante a pandemia da Covid-19, tal fato se tornou particularmente evidente com as negociações pela vacina CoronaVac, que como já mostrado, foi o imunizante chinês com mais doses comercializadas.

Essas negociações ocorreram entre a Sinovac, farmacêutica chinesa, e o Instituto Butantan, centro de pesquisa e produção brasileiro. O governo federal do nosso país, contudo, assumiu uma posição negacionista e oposta ao seu histórico na saúde (Alvarenga *et al.*, 2020). Dessa forma, a CoronaVac foi uma vacina extremamente politizada e instrumento de embate entre o então presidente brasileiro e o então governador do estado de São Paulo – de um lado, Jair Bolsonaro afirmava que o imunizante não seria comprado (CNN Brasil, 2020); de outro, João Dória apelidava a CoronaVac como a "vacina do Brasil" (Correio Braziliense, 2021). Para além dessa questão política, é inegável o papel da CoronaVac na campanha vacinal brasileira, já que ela foi a primeira vacina administrada oficialmente em território nacional, no dia 17 de janeiro de 2021 (FIOCRUZ, 2022).

Ao longo dos primeiros meses de vacinação, podemos destacar a CoronaVac e a vacina da Oxford/AstraZeneca como os principais imunizantes utilizados, sendo que a segunda também foi negociada através de um instituto brasileiro, a Fiocruz. Era o imunizante da Sinovac, contudo, que tinha um maior estoque, principalmente entre janeiro e abril de 2021, como podemos observar no Gráfico 3. A CoronaVac, portanto, foi fundamental na imunização dos grupos de maior risco para as formas mais graves da doença, como idosos, pessoas com comorbidades e profissionais da saúde, que foram os primeiros a serem vacinados no início de 2021, quando a esperança para o resto da população ainda era pequena, dada a inatividade do governo brasileiro motivada por questões ideológicas e não científicas.

Gráfico 3: Comparação entre a aplicação de doses da CoronaVac e da AstraZeneca no Brasil, em 2021



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados coletados no Vacinômetro do Misnistério da Saúde brasileiro (Brasil, 2024).

A parceria entre o Brasil e a China na área farmacêutica, entretanto, também remonta a um período pré-pandêmico. A aproximação entre o Instituto Butantan e a Sinovac, por exemplo, tem início ainda em 2019, quando o instituto brasileiro fez parte da comitiva de São Paulo que viajou para a China para participar da inauguração do escritório da Investe SP (Agência Paulista de Promoção de Investimentos e Cooperação), em Xangai (Fernandes, 2024)

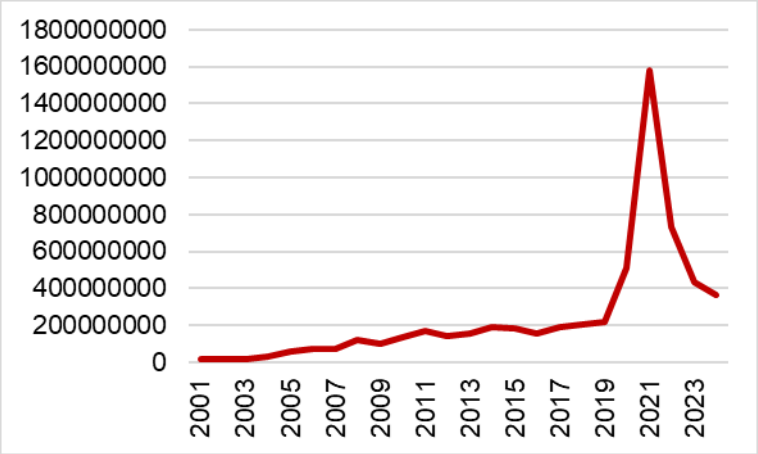
Com o início da pandemia e uma primeira aproximação já feita, o instituto brasileiro retomou as conversas com a farmacêutica chinesa, buscando garantir vacinas para o Brasil. Esse evento foi assunto de um requerimento de informação na Assembleia Legislativa de São Paulo, de autoria da agora ex-deputada estadual Janaína Paschoal. Nesse documento, a então deputada questiona uma suposta inconsistência temporal nas negociações pela CoronaVac, indagando o motivo da aquisição pela vacina ter sido realizada em 2019, quando ainda não havia pandemia. Tal questionamento, contudo, baseia-se em uma interpretação incorreta e enviesada sobre os fatos. Na resposta, o presidente do instituto, Dimas Covas, deixa claro que não havia um contrato anterior, apenas essa aproximação já referida (Paschoal, 2020).[5]

Ainda analisando a evolução das relações entre China e Brasil na área farmacêutica, utilizamos os códigos já apresentados no Quadro 1 para verificar o fluxo comercial entre esses dois países. Para isso, prospectamos os dados no Portal COMEX STAT, o qual reúne estatísticas oficiais do comércio exterior brasileiro. O Gráfico 4

5 Realizamos uma análise anterior sobre o tema, investigando as negociações pela vacina CoronaVac e seus impactos no Complexo Industrial da Saúde brasileiro (Fernandes, 2024).

reúne os dados obtidos, mostrando o valor FOB de importações brasileiras de origem chinesa. Novamente, podemos perceber um crescimento quase constante entre 2001 e 2019, seguido por um aumento acentuado com o início da pandemia, principalmente em 2021, quando o Brasil importou a CoronaVac. A partir de 2022, assim como no cenário mundial, as importações diminuem, mas continuam superiores aos valores registrados em 2019.

Gráfico 4: Importações brasileiras de produtos farmacêuticos de origem chinesa



Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados coletados no COMEX STAT (2025).

As relações entre o Brasil e a China na área farmacêutica, desse modo, tiveram um crescimento expressivo durante a pandemia, com destaque para as negociações que resultaram na aquisição da vacina CoronaVac. Apesar de ter sido intensamente debatida do ponto de vista político, esse imunizante foi essencial na proteção dos grupos de risco. Entretanto, a aproximação entre China e Brasil na área foi sendo construída ao longo do tempo, fato relacionado à inserção global da China como potência em ascensão e às políticas adotadas pelo gigante asiático na área da saúde, como já mostrado.

Considerações finais

As vacinas chinesas, como analisamos, foram fundamentais durante a pandemia da Covid-19. Segundo os dados coletados por nós, os imunizantes da Sinovac, Sinopharm, CanSino e Anhui Zhifei tinham como principal destino o mundo em desenvolvimento, com destaque para nações asiáticas, africanas e latino-americanas. Nesse sentido, a diplomacia das vacinas conduzida pela China atingiu territórios influenciados principalmente pelo ocidente, em meio a um momento de disputas pela projeção como a potência global entre a China e os Estados Unidos.

Embora a pandemia da Covid-19 ter revelado ao mundo a potencialidade chinesa na área farmacêutica, seu desenvolvimento foi resultado de um processo construído gradualmente ao longo das últimas décadas. Como visto no Gráfico 2, as exportações chinesas dos produtos farmacêuticos selecionados passaram de quase 2 bilhões de dólares em valor FOB em 2001 para mais de 24 bilhões em 2023, atingindo o pico de quase 78 bilhões em 2021. Esse crescimento revela que a indústria farmacêutica

chinesa tem ampliado sua capacidade de produção através de investimentos, além de ter conseguido penetrar no mercado externo da área.

A ascensão de algumas firmas farmacêuticas chinesas como as mais lucrativas no cenário global também é reveladora, já que no período de globalização, como ressalta Milton Santos (2000), em que a produção é fragmentada em vários países, são as empresas globais que representam a unidade política de comando. São as empresas, portanto, que decidem onde se instalar e levam consigo suas normas. Assumem, muitas vezes, o papel do setor público, como no caso das distribuições de vacinas, mas "haveria frações do território e da sociedade a serem deixadas por conta, desde que não convenham ao cálculo das firmas" (Santos, 2000, p. 78).

Nesse contexto global, marcado pela atuação das grandes corporações como agentes políticos e econômicos de comando, substituindo o Estado, as relações entre Brasil e China na área farmacêutica traduzem esse panorama. Enquanto o Estado brasileiro se omitiu das negociações por vacinas, a Sinovac (empresa privada) e o Instituto Butantan (órgão público, mas financiado majoritariamente por instituições privadas) foram responsáveis por acordos que permitiram a imunização dos grupos de risco brasileiros.

A pandemia da Covid-19, portanto, expôs a fragilidade das cadeias produtivas globais na área da saúde, tornando patente as desigualdades espaciais entre os países no acesso aos produtos farmacêuticos e, mais especificamente, aos imunizantes. Em um contexto de nacionalismo das vacinas, com países desenvolvidos garantindo doses para imunizar várias vezes sua população, a China emerge como potência do Sul Global, com suas farmacêuticas produzindo e distribuindo em larga escala os imunizantes e, dessa forma, assumindo a lacuna deixada pelo ocidente.

Bibliografia

ABBAS, Muhammad Zaheer. Practical Implications of 'Vaccine Nationalism': A Short-Sighted and Risky Approach in Response to COVID-19. *Research Paper* 124, South Centre, 1-15, nov. 2020. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4536868>. Acesso em: 14 mar. 2025.

AGÊNCIA SENADO. Brasil poderia ter sido primeiro do mundo a vacinar, afirma Dimas Covas à CPI. *Agência Senado*, Brasília, 27 mai. 2021. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>. Acesso em: 20 jul. 2025.

ALVARENGA, Alexandre Andrade; ROCHA, Erika Maria Sampaio; FILIPPON, Jonathan; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. Foreign Policy, Diplomacy and Global Health in Pandemic Times: Brazil in the Conterflow of History. *SciELO Preprints*, 2020. Disponível em: <http://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint /view/881>. Acesso em: 12 nov. 2021.

ANTAS JR., Ricardo Mendes. Complexos industriais, circuitos espaciais produtivos e direito reflexivo. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 5, n. 1, p. 53–71, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2567. Acesso em: 24 fev. 2025>.

_____. Fluxos produtivos globais da saúde: elementos para a construção do mapa dos complexos industriais da saúde no mundo. *Geousp*, v. 28, n. 3, 2024.

BERTOLLO, Maît. *O circuito espacial produtivo da vacina no território brasileiro e a pandemia Influenza A H1N1*, 2013. 267f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Informação e Saúde Digital. Departamento de Monitoramento, Avaliação e Disseminação de Informações Estratégicas em Saúde. *Vacinômetro COVID-19*. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <http://infoms.saude.gov.br/extensions/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19.html#>. Acesso em: 12 jun. 2024.

BOLLYKY, Thomas; BOWN, Chad. The tragedy of vaccine nationalism: only cooperation can end the pandemic. *Foreign Affairs*, Washington, D.C., 27 jul. 2020. Disponível em: <www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-07-27/vaccine-nationalism-pandemic#>. Acesso em: 10 set. 2025.

BONDAZ, Antoine. Route de la soie de la santé: comment la Chine entend profiter de la pandémie pour promouvoir sa diplomatie sanitaire. *Le Quotidien du Peuple*, Paris, 24 mar. 2020. Disponível em: <www.frstrategie.org/publications/notes/route-soie-sante-comment-hineentend-profiter-pandemie-pour-promouvoir-sa-diplomatie-sanitaire2020#:~:text=La%20 promotion %20par %20la%20Chine,surpasser%2C%20des%20objectifs %20d%C3% A9finis%20 pr% C3%A9alablement>. Acesso em: 22 jan. 2024.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. *Sociedade & Natureza*, v. 22, n. 3, p. 461-474, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/fG9sSJcJXRMygQBpFjCTzTH/?lang=pt#>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CNN BRASIL. Não será comprada, diz Bolsonaro nas redes sobre Coronavac. *CNN Brasil*, São Paulo, 2020. Disponível em: <www.cnnbrasil.com.br/saude/nao-sera-comprada-diz-bolsonaro-nas-redes-sobre-coronavac>. Acesso em: 24 out. 2025.

COMEX STAT. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. *COMEX STAT:* sistema oficial para extração das estatísticas do comércio exterior brasileiro de bens. Brasília, DF, 2025. Disponível em:< https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 20 jan. 2025.

COMTRADE. *UN Comtrade*: United Nations Trade Statistics Database, 2025. Disponível em: < https://comtradeplus.un.org/>. Acesso em: 25 set. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. 'Hoje é o dia V, dia da vitória, dia da vacina', diz João Doria. *Correio Braziliense*, Brasília, 2021. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/01/4900922-hoje-e-o-dia-v--dia-da-vitoria--dia-da-vacina-diz-joao-doria.html>. Acesso em: 24 mai. 2024.

FERNANDES, Caroline Corrêa. *Diplomacia da saúde global em tempos de pandemia: as negociações políticas e econômicas em torno da vacina CoronaVac no Brasil.* 2024. 68 f. Trabalho de Graduação Individual (Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

FIDLER, David. Vaccine nationalism's politics. *Science*, Washington, D.C., v. 369, p. 749-749, 2020. Disponível em: <www.science.org/doi/10.1126/science.abe2275>. Acesso em: 03 out. 2025.

FIOCRUZ. Vacinação contra a COVID-19 no Brasil completa um ano. *Fiocruz*, Rio de Janeiro, 17 fev. 2022. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/noticia/vacinacao-contra-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FORTUNE. Global 500. *Revista Fortune*, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <fortune.com/ranking/global500/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GADELHA, Carlos Augusto. O complexo industrial da saúde e a necessidade de um enfoque dinâmico na economia da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 521-535, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/j/csc/a/g3s64xr995byZfmkHb4HBrc/?lang=pt#>. Acesso em: 22 nov. 2021.

_____. Desenvolvimento, complexo industrial da saúde e política industrial. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, p. 11-23, 2006. Disponível em: <www.scielo.br/j/rsp/a/fkCDMSmRsjMn6GDTDKmWGnc/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

HOTEZ, Peter. Peace through vaccine diplomacy. *Science*, Washington, D.C., v. 327, n. 5971, p. 1301, 2010. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20223952/. Acesso em: 24 set. 2025.

KICKBUSCH, Ilona; SILBERSCHMIDT, Gaudenz; BUSS, Paulo. Global health diplomacy: the need for new perspectives, strategic approaches and skills in global health. *Bull World Health Organ*, v. 85, n. 3, mar. 2007. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2636243/pdf/06-039222.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

LEE, Seown Ting. Vaccine diplomacy: nation branding and China's COVID-19 soft power play. *Place Branding and Public Diplomacy*, London, v. 19, n. 1, p. 64-78, 2023. Disponível em: <pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8259554/>. Acesso em: 24 out. 2025.

LIU, Liangtao; HUANG, Yongli; JIN, Jiyong. China's vaccine diplomacy and its implications for global health governance. *Healthcare*, Basel, v. 10, n. 7, p. 1276, 10 jul. 2022. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35885803/. Acesso em: 24 out. 2025.

PASCHOAL, Janaina. *Requerimento de Informação nº 379/2020. Solicita informações sobre a parceria com o laboratório chinês Sinovac Biotech para produção de vacina contra a COVID-19*. São Paulo, 18 jun. 2020. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000327663&tipo=8&ano=2020. Acesso em: 24 out. 2025.

RUTSCHMAN, Ana Santos. The COVID-19 Vaccine Race: Intellectual Property, Collaboration(s), Nationalism and Misinformation. *Washington University Journal of Law & Policy*, St. Louis, v. 64, p. 167-202, 2021. Disponível em: <openscholarship.wustl.edu/law_journal_law_policy/vol64/iss1/12>. Acesso em: 24 out. 2025.

SANTIAGO, Anabela Rodrigues. A Rota da Seda da Saúde e o seu papel no âmbito da governança global em saúde. *Rotas a Oriente: Revista de Estudos Sino-Portugueses*, Aveiro, n. 1, p. 107-118, 2021.

SANTIAGO, Anabela Rodrigues; DUARTE, Paulo Afonso. The health silk road in China's governance and multilateralism: towards a role adjustment. *Global Security: Health, Science and Policy*, Londres, v. 10, n. 1, 2025. Disponível em: <www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23779497.2025.2486936>. Acesso em: 24 out. 2025.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004.

UNICEF. *UNICEF COVID-19 market dashboard*. UNICEF, 2025. Disponível em: <unicef.org/supply/covid-19-market-dashboard>. Acesso em: 12 jan. 2025.

WORLD BANK. Population, total. DataBank: World Development Indicators. Washington, D.C., 2025. Disponível em: <data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>. Acesso em: 24 out. 2025.

ZHOU, Yanquiu Rachel. Vaccine nationalism: contested relationships between COVID-19 and globalization. *Globalizations*, London, v. 19, n. 3, p. 450-465, 2022. Disponível em: <doi.org/10.1080/14747731.2021.1963202>. Acesso em: 24 out. 2025.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, processo nº 132905/2025-6) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2023/14015-1) pelo apoio financeiro fundamental ao desenvolvimento desta pesquisa, por meio das bolsas de estudo concedidas à autora durante o mestrado e a graduação, respectivamente. Tal apoio foi essencial para a realização das atividades acadêmicas e para a consolidação dos resultados aqui apresentados.

The growth of chinese influence in the pharmaceutical industry: an analysis based on the Covid-19 pandemic

The COVID-19 pandemic exposed spatial inequalities in access to industrial health products. The race for vaccines is a clear example of this, with wealthy countries reserving large amounts of doses even before their approval, a phenomenon known as vaccine nationalism. The Chinese pharmaceutical industry, however, followed the opposite path, producing and distributing its vaccines, mainly to developing countries, thereby expanding its geopolitical influence in these regions. This article, therefore, seeks to highlight the growth of the Chinese pharmaceutical industry, starting from the vaccine diplomacy employed during the SARS-CoV-2 pandemic, but not limited to it. We also analyze the evolution of Chinese exports in this sector during the 21st century, the growing influence of companies from the country that have achieved global prominence, and foreign policies in the area, such as the Health Silk Road. Finally, we also investigate the pharmaceutical relations between China and Brazil, emphasizing the importance of CoronaVac, a Chinese-developed vaccine, to Brazil's vaccination campaign.

KEYWORDS: Productive spatial circuits; Circles of cooperation in space; Global health diplomacy; Vaccine nationalism; Health Silk Road.

El crecimiento de la influencia china en la industria farmacéutica: un análisis a partir de la pandemia de la Covid-19

La pandemia de Covid-19 expuso las desigualdades espaciales en el acceso a los productos industriales de la salud. La carrera por las vacunas es un ejemplo claro, ya que los países ricos reservaron grandes cantidades de dosis incluso antes de su aprobación, fenómeno conocido como nacionalismo de las vacunas. La industria farmacéutica china, sin embargo, siguió un camino contrario, produciendo y distribuyendo ampliamente sus vacunas, principalmente a países en desarrollo, ampliando su influencia geopolítica. Este artículo busca evidenciar el crecimiento de la industria farmacéutica china, partiendo de la diplomacia de las vacunas implementada durante la pandemia de SARS-CoV-2, aunque no limitada a ella. También analizamos la evolución de las exportaciones chinas durante el siglo XXI, el aumento de la influencia de empresas del país con proyección global y políticas externas en el área, como la Ruta de la Seda de la Salud. Finalmente, investigamos las relaciones en el sector farmacéutico entre China y Brasil, destacando la importancia de CoronaVac para la campaña de vacunación brasileña.

PALABRAS CLAVE: Circuitos espaciales productivos; Círculos de cooperación en el espacio; Diplomacia de la salud global; Nacionalismo de las vacunas; Ruta de la Seda de la Salud.

Artigo recebido em outubro de 2025. Aprovado em dezembro de 2025.